

## 7-Experiência e barbárie

No parágrafo anterior abordamos as transformações que o advento técnico ocasionou na percepção. Da fragmentação e contingência da modernidade resulta uma percepção distraída, a que Benjamin chama de vivência, uma percepção maquinal, que não se presta à comunicabilidade e que tende a perceber o presente pela associação habitual do pensamento. A vivência como percepção não está disposta a perceber a singularidade das coisas, mas antes se restringe a enquadrar o que vê em postulados, e assim não assume o declínio da tradição e deixa de perceber as potencialidades do presente. Neste tópico abordamos o que para Benjamin significa não assumir esse declínio, bem como que presente é este que está sendo ignorado e como instaurar uma noção de experiência no tempo fragmentado da modernidade.

Até aqui, não podemos deixar de constatar, permeia no pensamento de Benjamin certo ar nostálgico, principalmente no ensaio *O narrador*. Muitas vezes, ao se referir ao declínio da tradição e à perda da transmissão de experiência, comum às comunidades de outrora, ou quando o autor fala da vertiginosa transformação moderna e do crescimento técnico, podemos lhe imputar o tom melancólico desses que reclamam um tempo perdido. Porém, seu pensamento não se lança para trás, não se restringe a um queixume, ao contrário, Benjamin se orienta para construção de uma nova história e para valorização do presente. No ensaio *Experiência e Pobreza*, escrito na mesma época do *O narrador*, Benjamin vê com bons olhos o fim da tradição, o fim da experiência, e saúda as transformações técnicas com entusiasmo.

“Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito.”<sup>133</sup>

Benjamin entende que diante da decadência da tradição, não é saudável, muito menos fecundo, insistir na tentativa de preservar um discurso totalizante que além de não dar conta de explicar a atualidade, embota a percepção do

---

<sup>133</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p.119

presente. À medida que a experiência tradicional deixa de ser natural e passa a ser buscada como um padrão a ser seguido. As particularidades do presente são ceifadas em favor de um suspiro nostálgico que tenta voltar a uma continuidade perdida. Antigos modelos são evocados e o hoje é apresentado com uma linguagem de outrora, uma linguagem que não está a serviço da transformação da realidade, mas sim da descrição do contínuo linear da história, uma linguagem que se empenha em repetir a tradição. Frente às transformações modernas, se faz necessário tomar outra postura para não sucumbir na estéril repetição do mesmo<sup>134</sup>, o discurso totalizante em nada corresponde com a “angustiante riqueza de ideias”<sup>135</sup> em que se vive, como também não oferece satisfatória saída para essa angústia.

Cabe esclarecer que a “riqueza de ideias” se faz angustiante, pois, segundo Benjamin, essa riqueza é aparente. O excesso de informação não contribui para a “renovação autêntica”<sup>136</sup> da experiência, a riqueza de ideias não confere ao homem um sentido para sua vida, é apenas o excesso que jamais será totalmente assimilado, deixando ao homem a permanente sensação de que algo lhe escapa, e a angústia frente ao que não é determinado, a abertura de inesgotáveis possibilidades, sem que nenhuma seja a verdadeira, eterna e imutável.

A forma que Benjamin encontra para lidar com essa angústia e alcançar a renovação autêntica da experiência, implica em substituir a experiência de eternidade pela de pobreza, “pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”<sup>137</sup>. Não há mais os modelos auráticos do passado e nenhum outro modelo veio ocupar este lugar. A modernidade é o tempo do entre. Neste entre podemos lamentar a perda, criando penumbras que façam parecer que há algo além, nos comunicando em línguas mortas, empregando vocábulos campestres para encobrir a cidade, escondendo, em poses antigas, o hábito do corpo com as máquinas e a fisionomia retesada pela descontinuidade da percepção. Enfim, fazendo uso de uma linguagem que, assim como o excesso de informações, nada comunica.

<sup>134</sup> “Se a modernidade é o inferno do mesmo, ela é também a possibilidade, para os homens, de se libertarem (...) da herança cultural enquanto fardo imobilizante das possibilidades criativas do presente, para a apropriação de seus valores com vista às necessidades deste presente”. MURICY, Katia. *Benjamin: Política e Paixão*. In. Os sentidos da paixão, p. 505.

<sup>135</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p.115.

<sup>136</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p.115.

<sup>137</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p.115.

Ou, podemos assumir o vazio deste entre com atitude transfiguradora<sup>138</sup>. Se na modernidade a percepção se dispersa em tantos acontecimentos que não se chega a elaborá-los, não há linguagem para dizê-los, então se faz necessário arrancar as palavras da banalização, do formalismo lógico e instaurar linguagens originais.

Sendo que esta linguagem original é pensada à luz do que Benjamin considera na *Origem do drama barroco alemão*<sup>139</sup>; não se refere ao recuo no tempo, não é o mesmo que gênese, pois não alude a um fato encerrado, restrito a um período histórico. A origem designa um salto que interrompe o tempo sucessivo cronológico a que estamos habituados, “quebra a linha do tempo, opera cortes no discurso ronronante e nivelador da historiografia tradicional”<sup>140</sup>. A linguagem original deve ser a construção permanente de interpretações, trata-se de se voltar para o presente, para a fragmentação e contingência da modernidade, e criar formas de falar sobre essa percepção, inserir na linguagem a experiência do choque para assim fazer ver, como diz Baudelaire, o tanque de energia em que se está mergulhado<sup>141</sup>. Ou seja, criar meios de inserir, na experiência, o choque, a distração para fazer ver o que na vida com o real não vemos. Recorremos mais uma vez ao poema Ode triunfal de Pessoa e convidamos a observar como o poeta nos atira em um turbilhão de imagens, nos faz ver com sobressalto isso que fazemos todos os dias: caminhar pelas ruas da cidade. Entendemos que é justamente neste fazer ver que consiste a atitude de reflexão com o presente. Significa romper com as conexões habituais que embotam o olhar para a atualidade, e mostrar as singularidades do presente e assim não perder sua memória, mas antes transfigurá-lo, buscar ver não o presente a partir do passado ou futuro, mas ver o que foi e virá a partir da construção do agora. Para tanto, Benjamin chama a atenção para assumir que

<sup>138</sup> Pegamos emprestado o termo do Foucault: “Transfiguração que não é anulação do real, mas o difícil jogo entre a verdade do real e o exercício da liberdade”. FOUCAULT, Michel. *O que são as luzes*, In. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. p. P. 343.

<sup>139</sup> “Origem (Ursprung) não tem nada em comum com a gênese (Entstehung). Origem não designa o processo de devir de algo que nasceu, mas antes aquilo que emerge do processo de devir e desaparecer.” BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*, p. 32.

<sup>140</sup> GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p. 10.

<sup>141</sup> BENJAMIN, Walter. *Alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas III, p. 125. “Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica.”

“Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual.’”<sup>142</sup>

A assunção dessa pobreza é o despojar do peso da tradição que não se vincula à experiência atual e, segundo Benjamin, o homem aspira por ostentar sua pobreza, ele está cansando da exaustiva tarefa de devorar valiosos saberes, de dominar a realidade em conceitos<sup>143</sup>. Por isso é premente assumir o vazio ao invés de tamponá-lo, assumir que não há verdade fixa, mas sim abertura, possibilidade de interpretações. Como não há nada dado, não há tradição na qual se sustente, não há tradição apontando o caminho, não há nada que o vincule a uma força cíclica, o destino não está previamente traçado. O homem tem de abrir seu caminho, e, à medida que cria seu caminho, ele próprio se constitui. Nesse sentido que surge um conceito novo e positivo de barbárie<sup>144</sup>, a barbárie da pobreza de experiência que constrange o homem moderno, o novo bárbaro, a abrir caminhos e nesse abrir caminhos ele se conduz, pois a pobreza “impele a partir para frente, a começar de novo, a construir com pouco sem olhar nem para direita, nem para a esquerda”<sup>145</sup>.

Entretanto, daqui se antevê um problema, pode parecer que este filósofo não está a fazer mais do que um elogio entusiasmado ao novo, a um futuro puro, um atual deserdado do passado. Neste caso o despojar da tradição se daria como uma revolução adolescente, que nega de forma inflamada tudo que evoca o paterno. Nesta revolução facilmente se cai em um niilismo, um “nadismo”, acrescenta-se um “ismo” ao nada e o transforma em método. Neste método se está acossado pela liberdade de tudo poder, de não prestar satisfação a nenhum conceito, e assim se depara com o sem sentido: se toda verdade é possível, logo não há verdade alguma, nada justifica a interpretação onde se pauta a existência. Põe-se frente ao vazio do excesso, da riqueza de ideias, dessa falta de sentido se é

<sup>142</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p. 119

<sup>143</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p. 118. “(os homens) aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza (...) eles devoraram tudo (...) e ficaram saciados e exaustos”.

<sup>144</sup> “Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie”. BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p. 116.

<sup>145</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p. 116.

tomado por uma angústia que impele ou a abandonar-se a um fim *a la* irmãos Karamazov de Dostoievski, que assume um puro elogio ao fragmentário em que se tudo é permitido, nada é permitido, de forma que não há critérios para distinguir as coisas, ou a se agarrar em algo, mesmo que a uma ficção, qualquer verdade para não sucumbir ao vazio. Então, toda a energia adolescente enfraquece e o resto dos anos são dedicados a seguir os passos da tradição, como acontece com o filisteu, e com os discursos totalizantes que na época de Benjamin culminaram na ascensão do fascismo.

Todavia, é bastante simplório tomar Benjamin como esse ingênuo entusiasta do novo. É inegável que há qualquer coisa de vivacidade pueril no pensamento desse filósofo, o que somado à maturidade e à sua amplitude de visão se afigura numa imensa qualidade. Assim a riqueza de Benjamin está em ressaltar o caráter novo e positivo desse conceito de barbárie. Essa barbárie positiva vem contrapor uma barbárie negativa que acena na cultura burguesa e traz consigo a sombra da guerra<sup>146</sup>. Grosso modo, a diferença entre os dois conceitos de barbárie é que a negativa utiliza elementos da modernidade a serviço da manutenção de um discurso totalizante e da concentração do poder, dando à política uma maquiagem de engajamento com o atual e a falsa impressão de se aproximar das massas<sup>147</sup> e das urgências do presente. Porém, ao invés de pensar as mudanças necessárias, essa barbárie toma a guerra como uma saída para crise econômica, pois tal empreendimento mobiliza todos os recursos técnicos disponíveis, sem a alteração das relações de produção<sup>148</sup>. Já a barbárie positiva é fiel ao seu tempo<sup>149</sup> e “dirige-se ao contemporâneo nu, deitado como um recém nascido nas fraldas sujas de nossa época”<sup>150</sup>. Dirige-se ao presente sem a menor intenção de consolar o indivíduo solitário e anônimo, mas com o intuito de ressaltar sua solidão, sua

<sup>146</sup> “A crise econômica está diante da porta, atrás dela está uma sombra, a próxima guerra. A tenacidade é hoje privilégio de um pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que outros; na maioria bárbaros, mas não no bom sentido.” BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In obras completas, p. 119.

<sup>147</sup> “As massas (que nos comícios são filmadas e nas gravações podem ver seu próprio rosto) têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o fascismo permite que elas se expressem, conservando, ao mesmo tempo, essas relações.” BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. In obras completa, p. 195.

<sup>148</sup> Cf. MURICY, Kátia. Tradição e barbárie em Walter Benjamin. In. Revista de história da arte e arquitetura. P. 73.

<sup>149</sup> “Sua característica (da barbárie) é (...) uma total fidelidade a esse século.” BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In. Obras completas, p. 116.

<sup>150</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In. Obras completas, p. 116.

pobreza, sua desorientação e tornar impossível qualquer tentativa de retorno a valores ditos seguros ou a deuses já mortos<sup>151</sup>.

Ainda acerca da barbárie positiva, Benjamin toma o cuidado para que os novos bárbaros não sejam tomados por ignorantes e inexperientes<sup>152</sup>. Pois é justamente o contrário que se passa, eles já consumiram toda cultura, toda tradição e por isso mesmo estão saciados e exaustos de continuar repetindo valores que traem o presente. Deve-se notar que esta fidelidade ao presente não significa abdicar do passado, e sim prestar as devidas reverências a ele. Neste ponto pode parecer que nossa exposição manqueja na coerência e se contradiz, pois acabamos de discorrer sobre a necessidade de se despojar da tradição e “começar de novo, construir com pouco sem olhar nem para direita, nem para a esquerda<sup>153</sup>”. Contudo, não se trata de criar um novo estrangeiro, um extraordinário nunca antes concebido e sem referência ao passado, pois toda novidade é oriunda da interpretação, não se trata de algo incomum, não depende de evento raro e excepcional. Para que ela aconteça é necessário apenas que se pense fora da estreita margem dos pré-conceitos e se esteja aberto para perceber, nisto que é banal e rotineiro, novas possibilidades de interpretações. Nesse sentido que entendemos que o plano de Benjamin é “totalmente simples, mas absolutamente grandioso”<sup>154</sup>.

Assim, há uma abissal diferença entre repetir o que já fora concebido - isto é, esgueirar-se no pensamento que é habitual, olhando para direita e para esquerda a fim de buscar os modelos que se estendem ao lado e prescrevem o radicalismo de posições dualistas - e interpretar o presente voltando-se para o passado, o que “não significa conhecê-lo (o passado)‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”<sup>155</sup>.

O momento de perigo é o momento atual, o presente em que as questões surgem e para as quais nem sempre o melhor tratamento é o de recorrer aos modelos de como tudo foi, pois o presente oferece vicissitudes que não são

<sup>151</sup> GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar esquecer escrever*. P. 115.

<sup>152</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In. Obras completas, p. 118.

<sup>153</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*, In. Obras escolhidas p. 116.

<sup>154</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In. Obras completas, p. 118.

<sup>155</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história* In Obras escolhidas, p. 224.

explicadas pela adequação. O perigo estaria de se entregar ao conformismo que subjuga a interpretação e a transmissão do presente à tradição e transforma o presente em um instrumento da classe dominante, ameaçando o passado de esquecimento. Assim se faz necessário buscar novas semelhanças, reconsiderar o passado na forma como ele até então foi concebido e se empenhar em perceber passado e presente por outras perspectivas. Não se trata do descobrimento de algo inteiramente novo, mas algo que de alguma forma já estava lá, possibilidades de interpretações que foram silenciadas em prol de outras. Benjamin chama a atenção para a tarefa de ouvir estas vozes que foram silenciadas<sup>156</sup>, e nelas buscar outras interpretações que melhor expliquem o presente, de tal forma que se realiza um duplo salvamento, pois se retira do esquecimento interpretações do passado que foram desconsideradas, bem como, a partir dessas novas interpretações, abrem-se novas possibilidades de ver o presente.

Esta tarefa salvadora do passado, que estabelece outra relação com a tradição e a atualidade, é com ênfase representada na figura do “historiador materialista”, cuja aparição se dá nas teses de história, um dos últimos trabalhos de Benjamin escrito no ano de seu suicídio.

“A tarefa da crítica, do historiador, será a de permitir, por um lado, que os homens livres-se do fardo- tarefa iconoclasta do bárbaro- e, por outro, fazer com que se possa construir uma nova relação com este passado- tarefa salvadora que permitirá a apropriação dos bens culturais pela atualidade. É nesta dupla função que se pode discernir as relações entre barbárie e tradição, à luz da concepção benjaminiana de história, desenvolvida em suas Teses.”<sup>157</sup>

As teses, obra de Benjamin traduzida como *Sobre o conceito de história*, nos dá a chave para entendermos as articulações entre barbárie e tradição, bem como entendermos como é possível estabelecer uma experiência da barbárie, ou seja, uma experiência que não seja nem aquela possível no tempo estendido da tradição, mas que se oponha à vivência que se estende no tempo fragmentado da modernidade. Nas teses, Benjamin apresenta uma filosofia da história pautada na teoria da memória e da experiência proustianas, ou seja, Benjamin pensa uma história capaz de estabelecer ligação entre passado submerso e presente. Para essa

<sup>156</sup> “existem nas vozes que escutamos ecos das vozes que emudeceram”. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. In *Obras escolhidas*, p. 223.

<sup>157</sup> MURICY, Katia. *Tradição e barbárie em Walter Benjamin*. In. *Revista de história da arte e arquitetura*, p. 75.

história o passado não está encerrado numa interpretação definitiva, não se restringe ao que conta a história oficial, documentada nos relatos tradicionais. Ao invés, o passado se mantém aberto de sentidos e possui um caráter inacabado, pois não é construído com a matéria finita dos documentos históricos, mas sim com a matéria infinita da memória. Aqui se impõe à nossa compreensão da filosofia da história de Benjamin visitarmos o escritor que o influenciou na construção da mesma.

Além de tradutor e crítico do romance *Em busca do tempo perdido*, Benjamin era um incansável leitor de Proust<sup>158</sup>. É certo que a teoria da história de Benjamin é perpassada pela influência do referido romance, arriscamos dizer que neste romance o personagem principal é o tempo, pois grande parte da narrativa é dedicada em última instância à descrição de diferentes formas de perceber a passagem do tempo. Nessa investigação do tempo, Proust elabora duas noções a partir das quais sugere diferentes formas de perceber o tempo: a de memória voluntária e memória involuntária que pretendemos mostrar se aproximam das noções de vivência e experiência respectivamente.

---

<sup>158</sup> “A influência de Proust sobre seu tradutor Benjamin é de tal ordem que este se vê obrigado, durante algum tempo, a renunciar à sua leitura para não cair em ‘uma dependência de drogado que impediria... sua própria produção’”. GAGNEBIN, Jeanne. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In. Obras escolhidas, p. 15.